

## Sempre na luta, exigindo reflexão

Por Luiz Carlos Bresser-Pereira, para o Valor

Valor, 26.11.2004

Celso Furtado foi o maior dos economistas brasileiros, e o mais reconhecido internacionalmente. Escreveu obras fundamentais, como "Formação Econômica do Brasil" (1959) e "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento" (1961), que o inscreveram entre os grandes economistas mundiais que nos anos 40 e 50 criaram a nova teoria do desenvolvimento. Teve participação decisiva, juntamente com Raúl Prebisch, na formulação da teoria estruturalista latino-americana. Elaborou uma teoria original do subdesenvolvimento, distinguindo-o do mero atraso. Contribuiu para estabelecer as bases do planejamento econômico indicativo que se realizou no Brasil, com grande êxito, entre os anos 50 e 70. Colaborou com o grupo do Iseb no estabelecimento das bases teóricas de uma política nacional-desenvolvimentista para o Brasil e a América Latina. Fundou a Sudene, elaborando então um plano inovador para corrigir as diferenças regionais no Brasil. Ministro do Planejamento em um momento de absoluta crise política, em 1963, produziu um plano austero de estabilização, o Plano Trienal, que não foi implementado. Exilado, continuou no exterior seu trabalho teórico e sua análise crítica da economia brasileira - o que não o impediu de também apresentar, em 1968, na Câmara dos Deputados, nas vésperas do Ato 5, um projeto de retomada do desenvolvimento com distribuição de renda que, em seguida, constituiu "Um Projeto para o Brasil" (1968).

De volta ao Brasil, depois de uma passagem pelo governo Sarney, onde já não lhe atribuíram funções na área econômica, foi aos poucos se transformando na consciência crítica das novas administrações econômicas que, a partir de 1990, impuseram ao Brasil o credo neoliberal. Nesse período, Furtado foi quase esquecido. Para muitos, era um economista do passado, nacionalista no tempo da globalização e do globalismo, desenvolvimentista no tempo dos mercados livres e da ortodoxia convencional...

Entretanto, mais recentemente, diante do fracasso da ideologia globalista em restabelecer o equilíbrio macroeconômico no país e retomar o desenvolvimento, os brasileiros voltaram a lembrar de Furtado, e começaram as homenagens e o reconhecimento. Eu próprio organizei, com José Marcio Rego, um livro em sua homenagem, que várias vezes ele me disse ter sido a melhor homenagem que recebeu.

No entanto, Celso Furtado morreu frustrado. Sua grande paixão foi sempre o Brasil, e por isso mesmo a decepção foi grande. Um homem que pôs todas as suas esperanças na sua terra viu, aos poucos, elas serem desfeitas, primeiro com o regime militar de 64, depois, em 1985/86, com o colapso do pacto democrático-popular das "Diretas Já" em estabilizar a economia e retomar o desenvolvimento, e, finalmente, nestes últimos dois anos, ao verificar que o governo que apoiara com entusiasmo traía suas promessas de campanha.

Mas morreu lutando. Em seu último livro, "Em Busca de Novo Modelo" (2002), ele novamente nos obrigou a refletir de forma crítica sobre os problemas do Brasil. A partir do método histórico, salientou que a industrialização tardia de países como o Brasil é muito diferente da que ocorreu nos países hoje desenvolvidos, por que, enquanto nestes a inovação e a difusão combinam-se para responder às próprias necessidades das sociedades, naqueles a difusão é marcada pela tentativa de imitação por parte das elites - as classes altas e as médias - dos padrões de consumo do centro. Ora, esta busca ansiosa de reprodução de padrões de consumo vai determinar as duas tendências centrais das economias periféricas: (1) a propensão ao endividamento externo e (2) a propensão à concentração social da renda.

Em um momento em que a Índia ainda não se tornara o segundo centro de atenções do mundo, depois da China, graças a seu grande êxito econômico, ele mostra que, embora a Índia tenha uma renda por habitante que é um quinto da brasileira, sua taxa de poupança é consideravelmente maior que a do Brasil. Como se explica isto? Por que no Brasil a renda é muito mais concentrada nas classes altas e médias do que na Índia. Neste país, os 20 por cento mais ricos controlam uma renda quatro vezes maior do que os 20 por cento mais pobres, enquanto no Brasil essa relação é 32! Para essa brutal concentração, é funcional a estratégia de crescimento com poupança externa, que permite a valorização do câmbio, a elevação artificial dos salários, e o aumento do consumo às custas da diminuição da já pequena poupança interna. O resultado é uma substituição da poupança interna pela externa, sem que aumente a taxa total de poupança e investimento. Uma substituição desastrosa de poupança interna por externa, que trás no seu bojo a segunda tendência assinalada por Celso: o aumento do endividamento externo.

Foto: Marlene Bergamo/Folha Imagem



**"Celso Furtado, que pôs todas as esperanças na sua terra, viu, aos poucos, elas serem desfeitas. (...) Mas se tornou a consciência crítica das administrações neoliberais."**

não poupam para investir e endividam o país no exterior. Ao defenderem a política monetária, aumentam sua renda financeira às custas do

Foto: Moreira Mariz/Folha Imagem



**Furtado recebe de Aluizio Pimenta o cargo de ministro da Cultura, no governo Sarney (1986): longe da economia, ficou quase esquecido, mas não tardaria a ser lembrado de novo, a partir do princípio dos anos 90**

Em minhas recentes conversas com Celso, discutimos também o problema da taxa de juros, que completa o quadro no plano financeiro interno. Não apenas a taxa de juros alta é a contrapartida da taxa de câmbio baixa, valorizada. É também uma forma de assegurar no curto prazo o subsídio pelo Estado das elites rentistas existentes no país, consolidando, assim, a concentração de renda.

Mas não seriam todas essas críticas simples manifestações de "populismo", como sugerem os defensores da ortodoxia convencional dominante? E como sugeriu o próprio presidente Lula nestes últimos dias, quando reagiu com veemência às pressões de seu partido para mudar a política "e gastar mais"? Ora, embora criticando a ortodoxia convencional com vigor, por que via ali interesses contrários aos do país, Celso Furtado jamais aceitou a solução falsamente keynesiana de incorrer em déficit público para promover o crescimento. Sua luta, hoje, no Brasil, contra as taxas de juros decididas pelo Banco Central visava precisamente proteger o Tesouro nacional e viabilizar a recuperação da poupança pública e dos investimentos na infra-estrutura. Por isso, inclusive, opunha-se ao conceito de superávit primário, que esconde o efeito dos juros sobre o déficit público.

Como resultado de sua análise, Celso Furtado estava convencido de que as classes beneficiadas pela concentração de renda não se revelam à altura de seu papel de elites. Ao copiarem os padrões de consumo norte-americanos, não poupam para investir e endividam o país no exterior. Ao defenderem a política monetária, aumentam sua renda financeira às custas do

Tesouro nacional. Celso, entretanto, não desesperava jamais. Ele sabia que, para construir uma nação, não bastam trabalhadores e técnicos de classe média; precisa-se também de empresários.

Sem dúvida, o fracasso político das elites brasileiras nos últimos 25 anos é patético. Enquanto as elites cafejeiras do Oeste paulista e, mais tarde, as elites industriais e tecnocráticas, que surgiram entre os anos 30 e os anos 50, foram notáveis em promover o desenvolvimento nacional, as elites de hoje, alienadas em um grau impensável, fracassam na sua missão de dirigir o país. Ao reproduzirem os padrões de consumo do centro, perdem o próprio orgulho pela cultura nacional que tanto nos caracterizava. Em vez de definir, caso a caso, qual o interesse nacional, e defendê-lo, dedicam-se apenas ao "confidence building". O que lhes interessa saber é o que os estrangeiros pensam do Brasil, não o que o Brasil pensa sobre seu futuro.

É claro, porém, que essa crítica não pode se estender indiscriminadamente a todas as elites empresariais, políticas e intelectuais existentes no país. Para Celso, essas elites são dependentes, mas não uniformemente dependentes. Há setores, em todas elas - setores que aumentam ou diminuem, conforme o momento - que são capazes de ser nacionais, de se identificar com os interesses da nação. Nos últimos dois ou três anos, depois que ficaram patentes o fracasso das receitas convencionais e globalistas e o êxito dos países asiáticos que decidiram realizar sua revolução capitalista em termos nacional-desenvolvimentistas e voltados para a competição internacional, não cessa de aumentar o número dos que, nesses setores principais das elites, voltam a pensar com independência. Infelizmente, Celso Furtado não viveu o bastante para testemunhar o momento em que essa mudança começa a dar frutos.